

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Dener Silva Fernandes de Oliveira

**DO CÁRCERE À LIBERDADE:
TRANSIÇÃO DO PCC PARA O BAIRRO DO PAPA**

**São Paulo
2017**

Dener Silva Fernandes de Oliveira

**DO CÁRCERE À LIBERDADE:
TRANSIÇÃO DO PCC PARA O BAIRRO DO PAPA**

Artigo científico apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de especialista/bacharel em Sociologia e Política, sob a orientação da professora Dr.^a Isabela Oliveira.

**São Paulo
2017**

Biblioteca FESPSP Catalogação-na-Publicação (CIP)

364.106098161

O48d Oliveira, Dener Silva Fernandes de.

Do cárcere à liberdade: transição do PCC para o bairro do Papa
/ Dener Silva Fernandes de Oliveira. – 2017.
32 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Doutora Isabela Oliveira Pereira da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Sociologia e
Política) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

1. PCC. 2. Masculinidade negra. 3. Religião. 4. Periferia. I. Silva,
Isabela Oliveira Pereira da. II. Título.

CDD 23. ed. :

Crime organizado – Brasil – São Paulo 364.106098161

Ficha elaborada por Éderson F. Crispim CRB-8/9724

Dener Silva Fernandes de Oliveira

**DO CÁRCERE À LIBERDADE:
TRANSIÇÃO DO PCC PARA O BAIRRO DO PAPA**

Artigo científico apresentado à Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de especialista/bacharel em Sociologia e Política, sob a orientação da professora Dr.^a Isabela Oliveira.

Data de aprovação:

_____/_____/_____.

Banca examinadora:

Nome do (a) professor (a), titulação,
Instituição e assinatura.

Nome do (a) professor (a), titulação,
Instituição e assinatura.

Agradecimentos

Dedico o trabalho aos meus pais por tudo e ao incentivo ao estudo, a minha irmã que amo, meu irmão que ainda não tive a felicidade de conhecer, agradeço as minhas duas rosas, que suportaram e floresceram minha família, dedico a minha namorada que incansavelmente me colocou para cima nos momentos de desconfiança da minha capacidade e que Exu abra os caminhos. Dedico esse artigo para todas as favelas da Zona Norte, Sul, Leste e Oeste, porque quebrada é quebrada em qualquer lugar e o importante é respeitar para ganhar respeito, esse é o lema em qualquer lugar que vá. Dedico também aos que por falta de oportunidade se encontram privados da liberdade, aos que por falta de oportunidade estão vendendo, aos que por falta de oportunidade estão em situação de rua.

Salve pra quem sobreviveu, Solta o Preso, Bola Oito, Campo Minado, Rota de Colisão, Racionais Mc's, Covil, Realidade Cruel, Detentos do Rap, Consciência Humana, Sistema negro, RZO, Sabotage, Coletivo 21N.

Muito amor quebrado, um brinde, primeiro por amor, depois pelo dinheiro, terceiro pela África e por último não menos importante pelos parceiros familiares e todos a nossa volta!

Sumário

Resumo.....	1
1. Introdução: uma recuperação histórica e afetiva sobre o crime.....	3
2. O que eles querem? Mais um pretinho na FEBEM!: PCC e encarceramento do corpo negro.....	6
3. Sobre o bairro do Papa e seus métodos.....	10
4. Entre Oakley's e Fardas: Estado, população e PCC.....	15
5. O “Sagrado” e o “Profano”.....	18
6. Considerações Finais.....	30
7. Referências Bibliográficas.....	32

Resumo

O artigo procura compreender como o PCC (Primeiro Comando da Capital) se organiza primeiramente nos presídios e como se dá sua transição para as ruas, especificamente no bairro do Papa em São Paulo. O PCC nasce dentro dos presídios para reivindicar melhores condições no cárcere para os que se encontravam privados de sua liberdade, e organizar o convívio através de regras que pautariam não só a vida atrás dos muros, mas também a vida periférica. Nas periferias de São Paulo impera uma organização que tomou conta não só dos presídios paulistas como também está presente em outras cadeias do Brasil. Assim, busco compreender e demonstrar como o Comando transita de dentro do cárcere para as ruas e como influencia na vida social periférica com suas regras fazendo vezes de e coexistindo com o Estado. O PCC é uma questão chave para entender a sociabilidade na periferia, assim como a presença das igrejas católicas e evangélicas, que podem ter grande impacto no meio social das “quebradas”.

Palavras-chave: PCC; masculinidade negra; religião; periferia.

Abstract

The PCC was born within the prisons to claim better conditions in jail for those who were deprived of their liberty, and organize the conviviality through rules that would guide not only the life behind the walls, but also the peripheral life. With this article I seek to understand and demonstrate how the command passes from inside the prison to the streets and how are its influences in social peripheral life with their rules making times of and coexisting with the State. The PCC is an issue key to understand the sociability on the periphery, as well as the presence of Catholic and Evangelical churches, which may have great impact on the social environment of the “blocks”.

Key words: PCC; Black masculinity; Religion; Periphery.

1. Introdução: uma recuperação histórica e afetiva sobre o crime

Desde que me entendo por gente, moro na periferia e sigo regras de convivência que permeiam a sociabilidade de quem mora nesses lugares, não podemos cuidar da vida dos outros ou seremos chamados de “zé povinho”, não podemos falar o que não sabemos, ou dizer algo que entregue atos de outras pessoas ou então seremos taxado de “cagueta”, não podemos flertar com a mulher dos amigos ou de qualquer outro homem sob pena de ser condenado por “talaricagem”, na maioria das vezes esses costumes são passadas de pai para filho.

Lembro por vezes quando meu pai me intimidava ou passava alguns ensinamentos para que eu sobrevivesse, em meio às situações que poderia passar dentro da realidade que vivia/vivo, um dos primeiros ensinamentos que me vem à mente, foi quando meu velho me disse “não querer ser pai de um Fernandinho Beira Mar¹ nem de um Clodovil². Nesse comentário há sim um ar conservador mas sobre tudo uma preocupação com possíveis sofrimentos futuros ligados diretamente às minhas “escolhas”.

Outras vezes me mostrava como me portar diante de certas situações, como por exemplo nunca ficar olhando ou apontar na direção de um bar, para que quem estivesse do lado de dentro não arranjasse alguma confusão resultando em uma possível briga com o uso de facas ou pólvora, me ensinou a andar também com pelo menos uma das mãos no bolso para causar em um possível agressor, a incerteza de estar armado ou não, dizia que se eu arranjasse briga na escola e apanhasse, apanharia novamente em casa, sair sem documentos de casa era algo impensável porque eu obviamente era alvo da polícia e se morresse pelo menos teria uma identificação e não seria enterrado como indigente.

Ou seja, nessas ocasiões a sobrevivência falava mais alto do que qualquer vontade própria ou intenção que eu poderia ter, como disse acima os valores são

¹ Luiz Fernando da Costa, é considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina e um dos chefes de uma facção do Rio de Janeiro, encontrasse em situação de cárcere.

² Clodovil Hernandes nasceu em 17 de junho de 1937, estilista, apresentador de televisão e deputado federal. No dia 17 de março de 2009 o hospital Santa Lúcia, em Brasília, anunciou a morte cerebral de Clodovil Hernandes.

apresentados de geração em geração e isso foi o que aconteceu com o meu pai e aconteceu comigo em diversas situações cotidianas na quebrada, o papel que meu antecessor tinha era passar estratégias de vida para que eu conseguisse passar ileso de qualquer situação adversa que pudesse me ocorrer, ensinamentos passados de um homem negro para seu filho negro, talvez um conservadorismo necessário para nosso convívio social. Havia também demonstrações de carinho (não que seus ensinamentos não indicassem isso) mesmo que de forma reprimida.

A periferia não é homogênea obviamente existem mulheres e homens brancos periféricos que vivem sob influência do proceder condizente com sociabilidade do bairro do Papa, mas neste trabalho faço uma análise pautada no foco de raça e classe que certamente traz outras perspectivas e vivências de um homem periférico.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais” (Hooks,2010).

No crime essa sociabilidade e repressão dos sentimentos também vigora, seria a tal honra entre os ladrões, ser firme, inquebrável, “cabuloso”, onde seguir esses preceitos faria de você sujeito homem, glorificando sua conduta que no Comando é chamado de “proceder”, onde morrer como homem é o prêmio da guerra, essa máscara que usamos fez matarmos uns aos outros, e implica diretamente no nas nossas relações afetivas, com nossos parceiros (as), familiares e todos a nossa volta..

Uma recuperação histórica nos ajuda a entender como se forma esse “proceder”. E, neste sentido, o contexto da escravidão é incontornável para tal análise. Com o crescimento da cafeicultura na região sudeste do Brasil que basicamente constituía grande parte da economia do país, muitos escravos são comercializados para essas regiões com o intuito de trabalharem nas plantações, principalmente em São Paulo cidade centro da expansão cafeeira. Às vésperas do fim da escravidão o número de negros libertos que conseguiam comprar sua alforria pelo fato de serem escravos de ganho vai aumentando e vão se organizando em irmandades como Nossa Senhora

do Rosário e Nossa Senhora dos Remédios no centro da cidade que também servia como moradia para os libertos.

Logo em seguida o tráfico negreiro é proibido pelo capital inglês e cada vez mais a abolição da escravidão se torna inevitável, os senhores de escravos substituem a mão de obra e o posto acaba sendo tomado pelos imigrantes, deixando claro a política de branqueamento da população e de exclusão do negro do mercado de trabalho remunerado que surgia, pois, as elites do Brasil temiam uma revolta como aconteceu no Haiti³, que expulsa os franceses do território colonizado. Com a chegada dos imigrantes tomando os postos de trabalho, o negro da condição de escravo passa a ser visto como marginal e desqualificado para o trabalho.

Após a lei Áurea que libertava todos os negros da escravidão e só, pois não havia um plano onde se inclui o negro na sociedade, São Paulo ansiava por modernização e as comunidades negras no centro não faziam parte do modelo europeu desejado, então as elites se deslocam para os Campos Elíseos, Vila Buarque e Paulista, que vai definir também novos locais de moradia para os negros que tinham trabalhos domésticos, se situando então no Bixiga e na Barra Funda, neste último local citado especificamente se dava também pelas linhas de ferro dos trens onde os negros eram carregadores ocasionais sendo umas das poucas atividades que poderiam ser exercidas pelo homem negro.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (Lélia Gonzalez – Lugar de Negro).

³ Em 22 de Agosto de 1791, os escravos de Saint-Domingue erguem-se em revolta e a colônia francesa mergulha numa guerra civil. Os colonos sempre temeram uma revolta dos escravos, já que a proporção de escravos era muito maior que de colonizadores.

Pela necessidade de se estruturar, movimentos negros compram terrenos mais afastados do centro da cidade e o resto da população também negra que é expulsa dos centros e vão morar nesses lugares longínquos da cidade, chamadas de periferia.

Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses. Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena. ” 3 de outubro de 1941

Este é o artigo 59 da “Lei de Contravenções Penais” ou pelo menos era, pois foi revogada pela Lei 11.983, em 16 de julho de 2009, apagando algo que indica qual era a preocupação na época em que essa lei foi decretada. Em meio a ditadura do Estado Novo (1937 - 1945) governado por Getúlio Vargas, é decretada a lei de vadiagem que previa a detenção de pessoas que não tinham emprego e não possuíam documentos que provassem que o indivíduo conseguia garantir sua “subsistência”, desta forma um país que historicamente tem como marca a escassez de empregos e mal qualifica para tal , encarcera sua população em situação de desemprego majoritariamente negra e periférica, a polícia poderia prender pessoas que parecessem suspeitas de qualquer delito e muitas delas inocentes, nessa perspectiva era comum pessoas portando carteira de trabalho ao sair de casa para não serem autuados .

Em 1950 com uma onda de industrialização se dá um novo processo de migração, do povo nordestino que para fugir da pobreza em busca de trabalho em São Paulo, aqui encontraram poucos empregos em domicílios da elite paulistana, como também em indústrias que surgiam e na construção civil que se expandia, também em pequenos comércios ou como ambulantes nos grandes centros urbanos. Nesta época os migrantes passam também a morar nas periferias onde encontram péssimas condições de habitação.

Em 1976 a Lei nº 6.368, Lei de Tóxicos, instituiu definitivamente as figuras do traficante, como criminoso que deve ser punido com rigidez, e do usuário, como indivíduo incapaz que deve ser encaminhado para tratamento. Em 2006, foi aprovada a Lei nº11.343/06, que criminalizou o consumo e a comercialização, embora em graus diferentes: o usuário passou a ser punido com pena socioeducativa e o traficante, teve sua pena aumentada para reclusão de 5 a 15 anos. (SILVA, L. Marleide, 2014)

Nos anos de 1970 e 1980 as periferias passaram a sofrer mudanças, com algumas melhorias como asfalto, transporte público, saneamento básico, além de serviços públicos de saúde e educação, em contrapartida o número de pessoas que são presas por tráfico de drogas aumenta. E ainda assim não são supridas todas as necessidades dessa população, que fica entregue à própria sorte, pela falta de empregos, educação de qualidade e muito mais, ocasionando o aumento da violência nesses lugares seja por parte do bandido, da polícia ou mesmo ineficiência do estado não garantindo condições financeira nem de qualificação para empregar, faz o indivíduo aderir ao tráfico e demais delitos. A grande questão é que essas pessoas seja o escravo trazido pra cá por conta do café ou o nordestino que vem em busca da melhoria de vida (ambos negros) não são assistidos da forma devida pelo estado até hoje o que tem ocasionado o encarceramento em massa dos descendentes desses citados.

2. O que eles querem? Mais um pretinho na FEBEM!: PCC e encarceramento do corpo negro

Segundo o levantamento nacional de informações penitenciárias (INFOPEN) feito em junho de 2014, o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo com cerca de 607.731 detentos privados da liberdade, sendo 41% deles condenados a regime fechado e outros mesmo 41% sem condenação, em relação a raça, cor ou etnia sendo possível fazer o levantamento com 274.315 detentos, 67% da população carcerária é negra, 31% branca, 1% amarela e 1% indígena, somente em 3 estados especificamente no sul do país, a porcentagem de negros no sistema penitenciário é menos que 50%, enquanto que nos demais estados, excluindo São Paulo onde não há informações, a porcentagem de detentos negros varia de 62,9% no Mato Grosso do Sul a 90,1% no Acre.

A prisão funciona, portanto, ideologicamente como um local abstrato em que os indesejáveis são depositados, aliviando-nos da responsabilidade de pensar sobre as verdadeiras questões que afligem as comunidades de que os presos são retirados em números tão desproporcionais. Este é o trabalho ideológico que a prisão realiza, nos livra da responsabilidade de nos engajarmos seriamente nos problemas da nossa sociedade, especialmente os produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global. Davis. (2003)

Os dados do INFOPEN e o trecho da obra de Ângela Davis ajudam a refletir sobre o corpo negro como alvo do encarceramento no Brasil. Nos presídios paulistas imperava a lei do mais forte entre os detentos e, além disso, o estado de forma negligente não garantia com que os detentos cumprissem suas respectivas penas, com o mínimo de dignidade ou simples garantia de zelar por suas vidas. Em 1992 acontece na casa de detenção Carandiru um massacre onde a tropa de choque da polícia militar do estado de São Paulo, invade o presídio após uma rebelião deixando um número controverso de 111 mortos⁴. Com a ida do diretor do Carandiru em 1993 para o Centro de Readaptação Penitenciária da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, onde implanta uma lei de espancamento que faz com que esta penitenciária tenha a fama de mais violenta do Brasil, então é neste cenário com o massacre do Carandiru e o tratamento desumano na penitenciária de Taubaté que surge o PCC (Primeiro Comando da Capital) que não aceitaria mais a humilhação do sistema carcerário e faria uma reforma no convívio de preso para preso.

Na CPI das armas, Marcos Willians Herbas Camacho (Marcola) ressalta que quando volta para a detenção, percebe que a ideia de origem do PCC não estava sendo colocada em prática, o que havia era uma organização contra, o preso, por meio de extorsões, estupros e consequentemente assassinatos. O Comando, como também é chamado pelos presos funciona nesse contexto, de forma hierárquica, de cima para baixo comandado por três presos Geléião (José Marcio Felício), Cesinha (César Augusto Roriz) e Bandeirão (José Eduardo Moura da Silva). Esse conflito entre os ideais que fundaram o PCC e as práticas que estavam ocorrendo

⁴ Segundo um de meus entrevistados, alguns corpos não foram contabilizados já que foram retirados com caminhões de lixo.

umentam as divergências entre Marcola e Geléião e ao confrontá-los o topo hierárquico é expulso do Partido.

Eu era tipo um inimigo desses líderes do PCC, só que como eu era considerado um dos maiores assaltantes a banco do estado de São Paulo eles eram obrigados a conviver comigo sem fazer mal a mim, embora morria mais de 100 presos por ano a mando deles... Eu declarei guerra contra eles e o sistema penitenciário cansado de ser oprimido por eles, de ser extorquido por eles, assassinado por eles a bel prazer deles, acabou repudiando eles, quando eles foram repudiados eu passei a ser visto pelo sistema penitenciário como líder do PCC entendeu. (“Marcola” em depoimento feito via teleconferência no dia 24 de outubro de 2017, referente a operação Ethos da Polícia Federal sobre sintonia dos gravatas do PCC).

O comando sem essa cúpula hierárquica concentra então todo o poder em Marcola que por sua vez distribui esse poder com os outros membros do Partido e entenda “poder” como “resposta⁵”, a partir do momento em que um preso é convidado ao “batismo⁶” (fazer parte do comando) ele assume uma responsabilidade e é senhor dos seus atos e uma vez sendo senhor de seus atos deve assumir a consequência deles, dessa forma não existe punição para quem falha com suas responsabilidades no PCC, mas sim consequência ou cobrança por seus atos. Nada no Partido⁷ é decidido individualmente e sim no consenso entre os presos, seja em decisões tomadas para a sociabilidade no convívio ou em um “debate⁸”, é impossível deixar de retratar que mesmo sendo “batizado”, portanto *irmão*, não quer dizer que esse indivíduo tenha uma posição ao qual ele possa oprimir outro preso, que não faça parte, mas compactue com os valores do comando, esses são chamados de primos, assim, em certo sentido, a legitimidade da liderança pelos *irmãos* incorre na impossibilidade de exercer chefia. Se o *irmão* abusa de sua autoridade oprimindo dando ordens aos outros presos, ele é acusado de não estar obedecendo aos valores do *Comando*, e perde toda sua legitimidade enquanto líder. (Biondi 2007:9-10; Marques 2010).

⁵ Resposta entre os membros do PCC significa as atividades que cada um deve exercer.

⁶ É chamado de Batismo quando um detento é convidado a participar do comando, ele é batizado por um padrinho, que nada mais é do que o membro que o convidou e também tem responsabilidades enquanto as atitudes do batizado, agora irmão.

⁷ Forma como o Primeiro Comando da Capital (PCC) é também denominado.

⁸ Discussão feita para resolver conflitos, como um júri.

Os presos de outras facções, ou que não tiveram uma conduta condizente com o proceder e que correm risco em cadeias dominadas pelo PCC como, “caguetas”, presos que cometeram crimes imperdoáveis sendo eles estupros, infanticídios e parricídios, além de justiceiros logo que chegam aos presídios são enviados para o seguro, para garantir que esses detentos não convivam com os outros, todos os novatos passam pela triagem feita pelos presos definindo quem é proceder e quem não é, os presos enviados ao seguro são denominados de “coisa” esses no caso nem passam pela triagem do presídio pois já é sabido pelas autoridades prisionais que não são aceitos pela população carcerária, hoje em dia já existem presídios específicos para esses criminosos rejeitados.

Com seu lema P.J.L.I.U⁹ (Paz, Justiça e Liberdade, Igualdade e União) e seu modo de proceder o PCC conquista o respeito dos demais presos e os mobilizam em prol da organização. Aparecem de forma impactante para o resto da sociedade com a megarrebelião do dia 18 de fevereiro de 2001 tomando o controle de 19 penitenciárias, deste dia em diante os esforços do estado em negar a existência de uma organização constituída por presos, caíram por terra.

O Carandiru era o ponto de principal tensão nesta megarrebelião de forma que depois de tudo controlado o que então era a maior casa de detenção da América Latina é demolido em 2002, com os presos sendo realocados em outros presídios que estão ou foram construídos longe dos centros urbanos, talvez uma nova tentativa de negar a existência que se mostrou poderosa, já que as pessoas quando fossem trabalhar não veriam mais um presídio da janela do trem, tombando não só o complexo, mas a memória do massacre de 1992.

... O PCC não é o culpado é cômodo falar que o culpado é o PCC, o PCC veio pra falar que eles existem, pra dizer que os presos estão ai, ativos, pensantes, organizados... Eles estão mostrando o pior lado, mas essa é a sombra da sociedade esse que é o detalhe, a luz e a sombra , a luz tá aqui, nos shoppings , não sei o que, viagens, mostras de arte, museu coisa e tal, agora vai na sombra, a sombra falou: eu existo ... (Dr. Octavio Barros Filho, Juiz Corregedor in, Documentário “entre a Luz e a Sombra)

⁹ Popularmente P. J. L. (Paz, Justiça e Liberdade)

Em 2006 o PCC novamente se mostra para a sociedade e dessa vez de forma inesperada, com a megarrebelião do dia 12 de maio que começa na Penitenciária de Avaré e se desencadeia em outras dezenas de penitenciárias, mais tarde são relatados ataques a órgãos públicos, policiais, agentes penitenciários, bases policiais e ônibus. São contabilizados também ataques no interior do estado de São Paulo e no litoral causando pânico na população que parcialmente paralisa, essa situação ficou conhecida como “Ataques do PCC”.

3. Sobre o bairro do Papa e seus métodos

Ao sair da cadeia, os batizados, não deixam de ser irmãos, pois assumiram um compromisso com o comando. Outros, ainda, fazem essa adesão do lado de fora das muralhas. De um jeito ou de outro, territórios urbanos passam a ser locais de atuação do PCC, onde vigora sua disciplina. (Biondi,2009 p. 61)

Essa é a questão central do meu artigo já que o PCC tem os territórios urbanos como área de atuação e vigora sua disciplina, Investigações policiais divulgadas pela imprensa indicam que o PCC dividiu o território do Estado de São Paulo em regiões e colocou um responsável a frente de cada uma delas. (Biondi, 2009, p.61) quero então descobrir como se dá essa transição dos presídios para as ruas as transformando em cenário para o comando e o seu proceder.

Este artigo foi desenvolvido em três meses de setembro a novembro de 2017 entre emprego, estudos, campo e sem qualquer tipo de bolsa.

Dadas as dificuldades relacionadas a tempo, deslocamento e possibilidades de entrevistas é impossível a realização deste artigo estudando todo o estado de São Paulo, portanto me concentro apenas no bairro do Papa que fica situado na periferia da cidade de São Paulo a 22,2 km do centro, que nos anos de 1940 fazia parte de um distrito mas com o rápido crescimento de forma desordenada tornou-se um novo distrito, que leva o mesmo nome da rodovia, é uma região periférica que faz divisa com duas cidades, pode-se dizer que nessa região há uma grande área industrial e comercial voltado para os habitantes de baixa renda, como todo bairro periférico o bairro do Papa teve e ainda tem seus problemas com questões como saneamento básico, alto índice de criminalidade, basta olhar os noticiários para ver o nome do

bairro estampado em algum jornal ou programas como do Datena, ainda é um lugar com poucas opções de lazer que apesar do passar dos anos de certa forma ter sido mais assistido temos apenas um CEU¹⁰ como um lugar que se pode ter acesso a cultura e a prática de esportes, além dos campos de futebol de terra batida onde de final de semana acontecem os diversos clássicos da região. No mais todas as outras opções de lazer se encontram da ponte pra lá a não ser os bailes Funk que de final de semana fazem a alegria dos jovens da região, tenho maior facilidade de conduzir minha pesquisa nesse pedaço (Magnani,1992) com a escolha do meu objeto de estudo que consiste em estudar a influência do PCC na sociabilidade do bairro do Papa.

Pretendo por meio das entrevistas que realizei com homens que tenham passado ou não pelo sistema penitenciário, moradores do bairro e que de alguma forma tenha o conhecimento empírico sobre assunto, além de suas narrativas para compreender como se dá à transição do Primeiro Comando da Capital do cárcere as ruas, se há “apoio” tanto da população quanto do estado para o aumento das atividades da facção no bairro. Os moradores sabem que a facção existe, mas no convívio do dia a dia quero entender se as pessoas sabem quem é quem, quem é “Irmão”, “Primo” ou se só sabem que em algum lugar o PCC está ditando as regras da convivência e se de certa forma essas regras se misturam com preceitos religiosos, onde as leis antigas que existiam nos presídios e também nas ruas do olho por olho, dente por dente são substituídas ou burocratizadas.

Ainda neste sentido quero saber dos moradores se a região ficou melhor, mais segura ou não, com a presença do comando fazendo às vezes do estado.

Estudar a transição do PCC para as ruas é importante pelo fato de hoje essa organização influenciar na sociabilidade dos moradores das periferias e no caso desta monografia no Papa. Partindo desta premissa nos deparamos com a questão do pertencimento, segundo Magnani pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta visível e estável, portanto esta é importância do território, pertencer a algum lugar significa que pode ser reconhecido por fazer parte daquele

¹⁰ Centro Educacional Unificado

espaço por laços de parentesco, vizinhança, procedência e vínculo com atividades esportivas ou comunitárias implicando de forma direta no cumprimento das regras de sociabilidade do território então me sinto na obrigação de falar sobre o lugar que me acolheu desde meu nascimento.

4. O PCC e a Sociabilidade no bairro do Papa

Parti da ideia que essas regras foram impostas pelo PCC onde eu morava, mas no contato com as entrevistas que fiz percebo que esse modo de viver já existia bem antes, como diz um dos meus entrevistados, o Barrabás (32 anos), que foi preso e teve contato direto com o Comando dentro e fora do presídio, quando o pergunto sobre o proceder se foi o PCC que criou ou já existia, acho importante entender como isso se dava na cadeia para traçar uma semelhança com a rua:

“ PCC nunca fez regra, no caso ele falou:

- Ó Vamos viver assim”

Entrevistador:

Já existia e colocou em prática?

Barrabás:

- É pegou assim.. mano na verdade quando o PCC surgiu, surgiu com a proposta de se organizar entre eles e depois organizar a cadeia,

-“Vamo se organizar mano, vamo chegar na população”

- Por que a população é a maioria e o PCC é a população praticamente tá ligado. A população fala:

-“Não mano nós quer fazer isso “

Então vamo fazer, é assim , lá eles é assim truta, o que eles não qué é que... que um roube o outro, um tome o outro, estupre o outro , violente o outro, seja malandrão com o outro... O bagui é um barato só, é... é... um objetivo só é a paz e ter uma boa vivência, tirar da melhor forma. Então os cara trouxe muita coisa boa, contra essas coisa que acontecia né mano, de estupro, morte e essas coisas também que às vezes os cara tinha medo, muita briga por causa de visita, baguio que eu falei de virar de costa, os cara viu que as pessoa não tava sendo violenta uma com as outras, foi tirando essa cultura de virar de costas e tal.. pá.

Hoje em dia, cê vê, eu tava lá visitando meu irmão esses tempo atrás, ai o preso vinha assim ó (encena o fato), eu vish... mano na minha época isso ai segunda feira... (Deu a entender que haveria uma cobrança).

Neste trecho percebemos que o Comando não impõe sua regra sem que haja uma conversa com os detentos pois na fala do entrevistado o PCC e a população carcerária são meio que uma simbiose “- *Porque a população é a maioria e o PCC é a população praticamente tá ligado*”, onde um não existe sem o outro, então para que haja a organização e para a sociabilidade no presídio o PCC assume um papel de mediador, onde as regras de convívio já existiam, mas são colocadas em prática de acordo com o que, quer a população carcerária de cada presídio, na rua o PCC parece desta mesma forma e interfere na vida criminosa dependendo do quanto é solicitado, “ a expansão do PCC fora das prisões ocorreu de maneiras diferentes, segundo cada configuração territorial e de acordo com a história social do crime em cada lugar A maneira pela qual o Comando entra em um território contribui muito para o entendimento sobre como a relação com seus moradores irá se desenvolver” (Hirata, 2010; SILVA, L. Marleide (2014).

O proceder é um modo de viver bem antigo, mais até do que imaginava, podemos ver uma citação sobre, em uma música de Wilson Batista intitulada Lenço no Pescoço, essa música retrata a malandragem no Rio de Janeiro em uma versão raiz do samba, veja o trecho:

*“Meu chapéu do lado
Tamanco arrastando
Lenço no pescoço
Navalha no bolso
Eu passo gingando
Provoco e desafio
Eu tenho orgulho
Em ser tão vadio
Sei que eles falam
Deste meu proceder
Eu vejo quem trabalha
Andar no misere...”
Wilson Batista – Lenço no pescoço*

Este samba que exalta a malandragem é dos anos de 1930 demonstrando já uma forma de agir, de ter conduta, dessa forma prova-se a existência de uma regra de convívio social que permeia a vida periférica a muito tempo, e o PCC como dito acima faz o papel de mediador quando promove no ambiente em que está instalado a burocratização dessas regras para o melhor convívio do preso ou dos moradores. Outro entrevistado que aqui vou chamar de Macumba (48), que mora no bairro do papa na rua ST desde 1979 me explica como se dava a relação conflituosa entre os

bairros e a rivalidade especificamente com essa rua, esse trecho se mostra importante para entender como era a vida tanto dos moradores tanto de quem estava no crime e depois as mudanças que o PCC provocaria.

Macumba: Era difícil porque tinha a rua ST que hoje é a rua 9, mas era rua ST, todo mundo conhecia a rua ST, e assim a ST sempre foi respeitada porque já teve caras do crime a muito tempo atrás, só que era uma época de um crime que, os cara que usava maconha, não ficava fumando no meio da rua, a torto ea direito, a vontade, cocaína raramente via, ouvia falar, droga mesmo era maconha e lança perfume, mas os ladrões da época, que tinha na ST eles eram de respeitar mesmo entendeu, assim na questão de usar droga na frente dos outros, isso de 79 a 84 era bem enrustido mesmo, então já tinha aquele problema porque a ST sempre foi falada aí tinha o P6, o bairro do Papa é um todo né, mas pra compor o papa, você tem que falar de rua St especificamente, tem que falar da P6, jardim georgia, leblon e januário e um pouco depois o morro do careca. Aí virou um barril de pólvora que a qualquer momento poderia ta explodindo e explodiu, de amigos aliados virarem inimigos, uma treta da P6 com a ST, com a rua st mesmo, pessoal que tava na favela lá, tava com a p6, porque num determinado momento, um amigo nosso foi assassinado a partir daí outros amigos nossos, mais corajoso se é que pode falar assim compraram a bronca e foram buscar a morte do Cosmo, que com 16 anos foi assassinados mas antes dele, outras pessoas foram mortas, não tão próximas mas a gente conhecia, você poderia esperar que final de semana sempre tinha uma morte, na segunda feira alguém saindo pra trabalhar era assassinado, muitos.. muitos mesmo, vi muita gente morrer, de moleque de 16 anos, como cara que era considerado ladrão mesmo, de 79 quando cheguei e o cara ja tava preso saiu da cadeia foi assassinado, e uma nova geração que vinha, a gente pegou a época da treta na mão, na porrada, no 22, no 32, 38, 765, pistola e depois 380, 9mm e aí vai.

Então podemos ter uma explanação com este trecho de como se dava as chamadas “tretas” entre uma rua aqui chamada de ST e outros bairros, onde os conflitos passam por vingança de assassinatos de entes queridos e até mesmo pelo tráfico de drogas de forma menos grandiosa como vemos hoje, essas relações conflituosas no bairro do papa se estendeu por diversas gerações até, que quem estava no crime começa a ouvir boatos de uma nova forma de organização do crime.

Quando pergunto para meu entrevistado Barrabás, quando tomou ciência de que o PCC existia ele me expõe dois fatos, um seria a megarrebelião de 2001 e outro um

debate que aconteceu após tomar um tiro na cabeça onde o PCC faz um papel de mediador para tentar acabar com o conflito.

Entrevistador:

- *Quando cê tomou conhecimento... assim, que deu estalo em você e você falou assim, o PCC existe... o PCC tá aí?*

Barrabás :

- *foi na transição das briga pô, que a gente tava em guerra aqui era essa guerra e os cara no caso interferiu, falo ... é.. chegou e perguntou.*
- *“Qual que é sua intenção?” de um lado*
- *Nóis, parar!*
- *perguntou do outro*
- *“Parar!”*
- *Eles (PCC) vieram e pararam, na época em que muita gente nem conhecia entendeu, só o crime mesmo sabia que os cara existia, só quem tava no meio da função sabia que tava se formando um barato assim né, se ouvia falar e tudo mas aí os cara vinha e falava assim :*
- *“Ó mano tem um cara ali que é irmão!”*
- *na época de 2000, 2001 e ouvia falar muito tipo surgindo na cadeia....*

Os outros entrevistados Macumba e Camisa 10 citam como descobrindo o PCC as rebeliões de 2001 e de 2006. No desenrolar da entrevista com Barrabás volto nesse assunto e pergunto novamente sobre o tal debate.

Entrevistador:

- *Cê falou que tomou ciência do PCC numa conversa entre vocês e outros bairro, como é que foi essa conversa? Onde foi?*

Barrabás :

- *Porque a gente tava em guerra né ai os cara da cadeia ligou, que na época era os malandro do bairro, que tinha acabado de entrar em cana e os cara falou:*

PCC:

- *“ Não to aqui na cadeia e hoje em dia é assim mano, os cara ta na linha aqui e é pra por paz e tal, o que os cara quer? ”*

Barrabás:

- *“Nóis quer paz! ”*

PCC:

- *“E vocês? ”*

Rivais:

- *“Paz “*

PCC:

- *“Então já era! ”*

Barrabás:

- *Foi lá no campo, 50 malandro de um lado, 30 de outro, todo mundo armado, passou até uma viatura*

na hora fingiu que nem viu isso (risos) bagueio foi loco.

Entrevistador:

- Aqui no campo?

Barrabás:

- É, eu não tava, tava baleado no hospital.

Entrevistador:

- Mas aí você ficou sabendo!

Barrabás:

- Eu tava na hora, na linha conversando!
- Porque os cara achou que tinha baleado nós, só que ninguém baleou
- “Então ninguém tá baleado aí, ninguém tá baleado aí, então não morre ninguém então mano acabou e acabou. Na verdade, quem me baleou foi um parceiro, se tivesse acontecido alguma coisa comigo, era uma pessoa que não ia se perdoar.

Aqui através da fala do entrevistado encontramos o PCC com uma face mediadora no bairro do Papa, para Feltran (2010,2012), SILVA, L. Marleide (2014) às relações estabelecidas pelo comando na periferia o legitimam como esse mediador e regulador do crime, e isso tem impacto direto na vida dos moradores. Esse aspecto do partido faz com que muitas pessoas o requisitem para resolver suas pendências, como julgamento de assassinatos, estupros e inclusive crimes que os malfeitores não enxergam a condição social daquele que foi prejudicado, como roubos dentro da quebrada, seu tribunal é muito mais rápido e efetivo do que o tribunal de justiça, o tempo que a polícia civil e militar investigam um assassinato (isso se investigarem), encontram o suspeito, levam o ao júri e um juiz aplica a sentença, o comando já fez isso em questão de dias, como mostra esse relato de um debate.

Macumba: Então ele foi pro debate, porque ele matou... porque até dessa treta que o Dimas foi morto, foi três pra lá e só voltou um pra contar a história, Dimas e o Roberto morreu. Eles mataram um cara sem a concessão do partido, sem comunicar o partido e o cara era do partido também, e aí os cara chamou ele pra trocar ideia lá, parece que o Dimas não ia fugir com medo que fossem atrás da família dele e ele foi sujeito homem porque foi lá conversar com os cara, mas aí não voltou né. Muita gente foi no enterro, ele morreu parece que foi na faca e o outro no tiro.

Essa efetividade nas vezes que faz papel de estado, faz com que a população os apoie, suas gírias se tornam parte do vocabulário da região no dia, dia e através de músicas transmitindo assim suas ideias e regras principalmente entre os jovens,

embora meu entrevistado Camisa 10 coloque em cheque essa efetividade e a quem ela serve, se é o certo pelo certo mesmo:

Camisa 10: é relativo esse bagulho de contactar os cara pra saber o que aconteceu em determinada situação e se é efetivo, é pra favorecer quem? Toda a quebrada desfavorecida ou só pra favorecer quem realmente é do partido, é relativo, mas na minha vivência da adolescência a fase adulta, de pai de família, a gente percebe que as morte e as treta entre bairros entre gangues, diminuiu quando eles se mostraram atuantes, quando mostraram que existia um comando.

5. Entre Oakley's e Fardas: Estado, população e PCC.

O Carandiru era o ponto de principal tensão na megarrebelião de forma que depois de tudo controlado o que então era a maior casa de detenção da América Latina é demolido em 2002, com os presos sendo realocados em outros presídios que estão ou foram construídos longe dos centros urbanos, talvez uma nova tentativa de negar a existência que se mostrou poderosa, já que as pessoas quando fossem trabalhar não veriam mais um presídio da janela do trem, tombando não só o complexo, mas a memória do massacre de 1992, para meus entrevistados o que mais fortaleceu o PCC foi a forma com que o estado tentou lidar com o partido, o esquecendo no cárcere e jamais falando sobre ele.

Camisa 10: Se escutava falar na rua, mas não levava tão a sério.

Macumba: Ninguém ficava pagando de PCC não.

Camisa 10: Acho que foi aí que deixaram crescer de tanto omitir...

Macumba: ... de tanto omitir eles acabaram crescendo, a partir do massacre do Carandiru que eles tomaram essa decisão de botar uma ordem dentro do sistema carcerário, porque não era viável dentro do próprio convívio estarem se matando e sendo massacrados.

Segundo Foucault (2010) o processo de encerramento da prática de suplícios se deu por conta da inconstância do pensamento da população que assistia esses tipos de “espetáculos”, já sabendo dos casos que eram apresentados pelos noticiários locais, essas veiculações poderiam causar inversões de “valores” onde os “delinquentes” teriam empatia da população causando aversão na aplicação do castigo pela justiça. Acerca das prisões o autor indica que esse sistema não diminui

a criminalidade e só aumenta a reincidência, de forma que o abuso de poder causa no detento revolta diante ao estado e o sistema penitenciário.

Com essa reflexão traço um paralelo com o que foi chamado de massacre do Carandiru, toda comoção e reivindicações para que se fizesse justiça até mesmo com apoio da mídia, desta forma juntando o massacre e a megarrebelião culmina no governo do estado de São Paulo abdicar do complexo carcerário e construir novas prisões, hoje 168 unidades prisionais e a maioria delas em cidades do entorno que prejudicam as tentativas de fuga além de garantir total vigilância do estado sobre os corpos e distanciar da população, podendo praticar com esses detentos qualquer abuso, esse distanciamento cria na população discursos de ódio sob os detentos legitimando o abuso por parte do estado.

Macumba: É como falei no início da entrevista, e até hoje nós nunca fomos amparados pelo sistema tanto na segurança, educação em nada, nunca nada, teoricamente mandam, mas essa questão de segurança pública desde 2000 pra cá eles nunca mandaram tem um outro poder que manda.

Meu entrevistado Macumba que mora no Papa desde 1979, diz que a polícia nunca interferiu nos conflitos por ele descrito, as “tretas” entres os bairros, afirma que o mesmo policial que vendia armas para um bairro, também vendia para os outros bairros, e esperavam com que entrassem em conflito, “era uma faxina sem a presença deles” (Macumba, 48 anos), afirma que era muito difícil saber de alguém conseguisse trazer armas de outro lugar.

Macumba: A carteira de trabalho era mais importante que o RG, mesmo que na carteira de trabalho não tivesse registro, se você pelo menos tivesse uma era sinal de que você estava procurando emprego pra polícia, e que não era vagabundo.

Camisa 10 me conta que quando chegou no bairro do Papa, jogaram um homem pegando fogo do morro do careca, disse que foi o cartão de visita do lugar, me relata que quando morava em outra região, ouvia que o bairro do Papa era um lugar onde tudo era esquecido, mal estruturado, e com o passar do tempo diz que ainda é

assim, apesar da construção de um Céu no bairro, são poucos cursos de que tem conhecimento.

Camisa 10: A professora disse que eu tinha que tirar meu filho da escola, porque que ele não iria pra frente estudando ali, era pra eu procurar um lugar melhor pra ele.

O único lugar que enxerga como lazer, que é o campo de futebol afirma ser abandonado, apesar de ser o lugar mais frequentado, diz que na verdade o lazer da molecada tem sido ultimamente, comprar qualquer moto em leilão para tirar sarro da polícia, que sempre está presente mas nunca faz nada. De vez em quando aparece, é possível vê los trabalhando no bairro do papa em programas de televisão para desarticular alguma biqueira, e vem com seu aparato, equipes táticas, helicópteros.

"Pela primeira vez desde que os dados são divulgados, tivemos em 2015 o número de registros de homicídios abaixo de 4 mil no estado. Tivemos em 2015 cerca de 600 vidas poupadas, se incluídos os números de latrocínios", disse Alexandre de Moraes. Já o governador Geraldo Alckmin elogiou a polícia. "Não é obra o acaso. É fruto de muita dedicação", disse.

"Por isso a importância da divulgação deste dado depois de um ano, de 12 meses de 2015, a queda de todos os índices de criminalidade, é o caminho correto. Ainda temos muito trabalho para reduzir todos os índices, mas é importante também reconhecer que São Paulo, com toda a complexidade do estado, a capital, 12 milhões de pessoas, tanto o estado quanto a capital são as únicas unidades da federação que tem menos de 9 homicídios por 100 mil habitantes. SP o estado tem 8,73 e a capital 8,56", afirmou Alexandre de Moraes. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/01/homicidios-no-estado-de-sp-em-2015-ficam-abaixo-de-nivel-epidemico.html>

Segundo o governador de São Paulo e seu ex secretário de segurança, o número de homicídios no estado diminuiu por conta de uma manobra para aumentar a eficácia da segurança pública no estado e que deu muito certo segundo as autoridades e o resultado das pesquisas que apresentam, porem meus entrevistados discordam, acreditam que quem realmente diminuiu desde sua chegada aos dias de hoje, foi o PCC, por que segundo eles, a manobra utilizada pela organização se dá por uma prestação de contas que se tem agora na criminalidade, não por conta da presença da polícia, ou pela segurança pública.

6. O “Sagrado” e o “Profano”

- Fé em Deus que ele é?
- Justo
- Se Deus é por nós!
- Quem será contra nós
- Um por todos!
- Todos por um!
- Unidos!
- Venceremos!
- 1533
- PCC
- Paz, Justiça, Liberdade, Igualdade E União para todos!

Assistindo diversos vídeos onde os detentos reunidos no pátio após uma reunião fazem um círculo aguardando seu grito de guerra, um deles ao centro começa a proclamar de forma com que os demais respondem, isso acontece no presídio de Alcaçuz - RN e detenções do Paraná é possível encontrar respectivos vídeos no You Tube, essa forma de grito de guerra se assemelha com os gritos comuns nos campos de futebol de várzea tanto no bairro do Papa quanto em outros bairros. Me desperta a curiosidade a exaltação de Deus divindade suprema do Cristianismo, e pretendo neste capítulo identificar a importância da religião na disciplina e no estatuto do Partido que vigora nos presídios e no bairro que pesquiso. Não pretendo retratar aqui o PCC como uma vertente extremista de qualquer religião e nem dizer que é proposital que suas regras tenham base religiosa, como vimos no capítulo anterior as regras de convívio tanto nos presídios quanto no bairro já existiam só foram reestruturadas a partir do Comando.

Esse preceito religioso em comum entre os presos, também por conta de forte atuação de igrejas evangélicas e católicas nos presídios, fortificou sem excluir a condição a qual se encontravam no cárcere, o ideal de grupo. Anterior ao nascimento do PCC nos presídios as pessoas que se encontram em situação de cárcere, já viviam nas ruas sob “regras” sociais que permeiam sua trajetória condicionando sua moral por meio de instituições religiosas, assim como o estado moldava/ molda seu agir e o sistema educacional na implantação do pensamento meritocrático que invisibiliza a ausência do estado na melhoria das condições (territorial e econômica) que tornam o indivíduo vulnerável.

Um fato social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder se reconhece, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda tentativa individual de fazer-lhe violência.(...) ele existe independentemente das formas individuais que assume ao difundir-se (...) De fato, a coerção é fácil de constatar quando se traduz exteriormente por alguma reação direta da sociedade, como é o caso em relação ao direito, à moral, às crenças, aos costumes, inclusive às modas. (Durkheim, 2007 p.10).

Portanto, esses indivíduos que se encontram em situação de cárcere que fundaram o partido ou o apoiam tendo em comum majoritariamente esses valores, vão aplicar fundamentos morais que já existiam em suas regras de convivência, só que não havia um aparato que garantisse vigência concreta do proceder, porém agora há uma mediação do PCC. Tive contato com diversos com diversos estatutos do PCC ao longo de sua trajetória, além de cartilhas da onde tirei algumas disciplinas que apresento, para mostrar semelhanças entre a religião.

1. Ato de Talarico:

Quando o envolvido tenta induzir a companheira de outro e não é correspondido, usa de meios como, mensagens, ligações ou gestos.

Punição: exclusão sem retorno, fica a cobrança a critério do prejudicado e é analisado pela Sintonia.

2. Ato de Esperteza:

Quando usa de má fé ou abusa da confiança depositada, se parece com ratinagem, muda que o prejudicado confia e acaba sendo lesado.

Punição: exclusão sem retorno, cobrança a ser analisada.

3. Ato de malandrismo:

É caracterizado quando usa de pressão psicológica, força física para subtrair algo de alguém, ou quando usa de força ou poder para agredir fisicamente ou verbalmente.

Punição: exclusão e cobrança dentro da Disciplina do Comando, analisada pela Sintonia.

4. Atitude isolada:

Fica caracterizada quando um integrante ou companheiro age sem buscar a Sintonia ou responsável pela quebrada, sendo agressão, morto, ou algo que venha a prejudicar alguém ou denegrir a imagem do Comando.

Punição: 90 quando de natureza leve ou cobrança com análise da Sintonia.

Com esses trechos, podemos identificar, a questão da cobiça da mulher do próximo, má fé, furto e respeito ao comando acima de tudo, curiosamente esses artigos se assemelham com os 10 mandamentos que podem ser encontrados nas bíblias, assim como a própria configuração do comando no dia a dia, ao se chamarem de irmãos e terem padrinhos além dos primos, que dá um sentido de unidade familiar, ao perguntar sobre essas semelhanças para meus entrevistados percebo o esforço deles para separar uma coisa da outra, separar o “sagrado” do “profano” numa tentativa de demonstrar uma distância entre um e outro, deixando bem claro que um tem haver com fé e nada haver com o crime, essas regras que pautam a vida no PCC, na “vida loka” tem haver com a hegemonia de um comando bem estruturado, segundo os entrevistados.

7. Considerações Finais

No bairro do Papa, concluo que a transição do PCC dos presídios para a cidade especificamente se deu por conta do Comando fazer o papel mediador e regulador do crime na região. As relações conflituosas do bairro motivadas por vingança, rixas e até mesmo incentivadas pela polícia com a venda de armas da região, traz para o bairro uma onda de assassinatos. Os “malandros” do bairro do Papa quando se encontram privados da liberdade, tem o contato com o crime organizado e suas ideias dentro do presídio, onde naquela situação de cárcere foram convidados a entrar para o partido e mesmo que recusasse o convite, permaneceram leais as regras naquele ambiente, ao retornarem para a liberdade, não deixam de representar o partido fora dos muros, mudando a mentalidade do crime na região.

Resolvendo conflitos antigos, trazendo organização, restabelecendo o proceder e fazendo vezes de estado o PCC é legitimado na região e toma conta de todos os pontos de droga sem usar a força, somente fazendo com que os que partilhavam da

vida do crime tomassem ciência das pautas que o comando aborda. Essa nova perspectiva do crime, mudança de mentalidade e configuração do modo de agir com seu proceder, diminui consideravelmente os assassinatos causados por desavenças passadas que meu entrevistado Macumba apresenta, essa diminuição das mortes é percebida pelos meus entrevistados, o bairro tornou-se um lugar melhor para viver levando em conta a questão da violência, esses entrevistados contabilizam essa diminuição ao PCC e uma certa prestação de contas que se deve ao partido quando se comete crimes que fujam a ética do Primeiro Comando da Capital.

O proceder já existe antes do PCC que se coloca como um aparato para garantir com que se cumpra com as regras, essas regras de convívio que pautam não só a vida dentro dos muros, ou na vida loka, como também na vida do homem negro e periférico, é nada mais que o ideal de “sujeito homem”, inquebrável, cabuloso, onde para matar e para morrer tem que ser homem o suficiente, tratasse de uma performance que assumimos e que passa pela nossa repressão de sentimentos é inalcançável, mesmo que em momentos específicos podemos atingir esse ponto, como vimos no rápido debate de Dimas, que atingiu esse patamar ao não fugir e deixar que seus atos pudessem atingir sua família, o grande problema que essa masculinidade nos fez e faz matarmos uns aos outros tanto de forma física quanto emocionalmente.

Procurei demonstrar neste artigo também a importância da religião na formulação das regras do partido, que nada mais são que regras de convívio que já eram praticadas mas não havia nenhum aparato regulador que as garantisse, o que constitui o PCC enquanto grupo social é a questão das condições que vivem homens privados de sua liberdade, mas a religião serve para fomentar o que deve ser correto e dessa forma servir como instrumento de coerção e que inconscientemente já assemelhava com a vida antes do cárcere pautada pela igreja seja ela evangélica ou católica e seus costumes.

8. Referências

ALMEIDA, RONALDO; D'ANDREA, TIARAJÚ; LUCCA, DANIEL: **Situações Periféricas: Etnografias Comparadas de Pobrezas Urbanas**: Novos Estudos CEBRAP 82, novembro de 2008 p. 109-130. Consultado em 10 de março de 2017 em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300006&script=sci_abstract&tIng=pt,

BIONDI, KARINA: **Junto e Misturado: Imanência e Transcendência no PCC**: São Carlos : UFSCar,2009. 196f.

BURLAMAQUI. L. **Entre a Luz e a Sombra**. São Paulo: Zoramídia, 2008. Documentário. 156 min. em: <https://www.youtube.com/watch?v=rxCbhAQmfXM&t=2833s>

CPI do Tráfico de Armas: Depoimento Marcos Willians Herbas Camacho. Consultado 25 de fevereiro. Em: www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/20060708-marcos_camacho.pdf

Davis, Angela. **Prisões são obsoletas?** Trad. Carol Correia. disponível em: <https://medium.com/@solemgemeos/cap%C3%ADtulo-1-de-pris%C3%B5es-s%C3%A3o-obsoletas-de-angela-davis-ec1a3e3c6bb4> acesso em: 22/11/2017

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Tradução. Paulo Neves. Revisão da tradução, Eduardo Brandão. Martins Fontes. 3 ed.São Paulo 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 38.ed. Petropolis,RJ: vozes,2010.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de Negro - Marco Zero, Rio de Janeiro, 1982. 114p.

HIRATA, D. V. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida.** Tese de Doutorado em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HOOKS, Bell. Vivendo de Amor. Trad. Maisa Mendonça, disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> acesso: 22/11/2017

MANGNANI, GUILHERME: **Da periferia ao centro: Pedacos e Trajetos:** Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203. Consultado em 10 de março de 2017 in <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360/109552>.

MARQUES, ADALTON. **“Liderança”, “Proceder” e “Igualdade” : Uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital:** Etnografica, Vol: 14, 2010, online desde 21 de outubro de 2011, consultado em 25 de Fevereiro de 2017, em: <http://etnografica.revues.org/303:DOI:10.4000/etnografica.303>

INFOPEN. **Relatório descritivo e analítico produzido através do Termo de Parceria nº 817052/2015, firmado entre o Departamento Penitenciário Nacional, a Secretaria Nacional de Segurança Pública e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.** Dezembro de 2014. Disponível em: www.justica.gov.br/noticias/mj...relatorio...infopen.../relatorio-depen-versao-web.pdf

SILVA, L. Marleide. **Destecendo teias: O PCC e suas relações com a população de um bairro da periferia de São Paulo.** III seminário de pesquisa da FESP-SP, 2014.26p.

